

**ENTREVISTA**


Cintia Mayumi Sakurai Kimura

## Aos 17 anos ela entrou em Medicina na USP. Hoje se especializa em Cirurgia.

Direto do 3º ano, Cintia Kimura entrou na Pinheiros. Hoje é médica formada. Escolheu Cirurgia como especialização e cursa o 2º ano de Residência no Hospital das Clínicas. Tem planos para mestrado e doutorado, porque pretende trabalhar também na área acadêmica. Nesta entrevista ela conta como foi sua formação na faculdade e lembra os tempos de colégio: “Se eu pudesse faria tudo de novo”.

### JC – Como você escolheu Medicina como carreira?

**Cintia** – Desde pequena eu pensava em ser médica, dentista ou professora. No final do 3º colegial eu fiquei na dúvida entre Medicina, Letras e Psicologia. Gostava muito de ler, escrever e pensei em fazer Letras. Psicologia ficava no meio termo entre Medicina e Letras. Tem a parte assistencial, cuidar das pessoas, e tem a parte mais de leitura mesmo.

### Como resolveu essa dúvida?

Acho que foram vários fatores. No final do 3º colegial eu estava no auge da preparação para o vestibular. Se eu quisesse uma coisa mais difícil, seria melhor prestar no momento em que eu estava no auge, não depois. E achei que Medicina abria mais possibilidades para mim.

### Quando você veio estudar no Etapa?

Entre no 5º ano do Fundamental.

### Uma vez que se definiu por Medicina, você teve que mudar alguma coisa no seu método de estudo, principalmente no 3º ano?

Acho que não. Sempre estudei bastante. Não mudei muito, só intensifiquei o ritmo de estudo.

### No Etapa, você chegou a participar de alguma outra atividade?

Desde a 7ª série eu participava das Olimpíadas de Matemática. Sempre gostei muito de Matemática. Um dia apareceu no quadro de avisos um convite para começar a fazer as aulas de preparação para as olimpíadas. Eu fui e gostei. No colegial, também participei de olimpíadas de Química.

### Como foi o início na Pinheiros?

No começo é um pouco diferente porque eu estava acostumada a conviver com pessoas da mesma idade. Você começa a conviver com pessoas de idades diferentes, histórias diferentes. Eu era uma das mais novas, entrei com 17 anos. Várias pessoas tinham

carro enquanto eu nem carta tinha. Ia de carona para a Cidade Universitária, cada dia com um grupo. Ou íamos de ônibus juntos. Foi uma forma de conhecer a turma.

### Quanto tempo demorou para se adaptar ao novo ritmo da faculdade?

Acho que os seis primeiros meses, que são as matérias básicas. Para mim eram as mais difíceis, mais complexas. Depois você acaba se familiarizando.

### O que você viu de matérias no começo da faculdade?

As aulas básicas no primeiro semestre foram Fisiologia de Membranas, Bioquímica, Biologia Molecular. Essas aulas eram dadas na Cidade Universitária. Nos três primeiros anos você tem Anatomia. Tive Atenção Primária à Saúde, em que íamos às UBS (Unidades Básicas de Saúde), e Prática Médica, aprendendo a fazer as coisas básicas, a colher material para exame e adquirindo noções de como conversar com o paciente. Logo depois tive Fisiologia, Fisiologia Humana, Fisiologia Renal, Fisiologia do Sistema Endócrino.

### E nos anos seguintes?

No 3º ano tem Farmacologia, começa-se a ver medicação, antibióticos, essas coisas. Começa-se também a aprender Patologia, as doenças. A gente estuda Fisiologia, que é como o organismo funciona normalmente, e depois estuda Fisiologia das Doenças. No 4º ano tem um semestre de doenças infectocontagiosas e outro de Clínica Médica. O 4º ano é mais no HC. Tem aula sobre as doenças, depois você conversa com pacientes, atende. É quando você se sente um pouco mais médico.

### Como se desenvolve o Internato?

O 5º e o 6º ano são estágios hospitalares. A gente faz tudo que os médicos fazem, só que com supervisão. Conversa com doente, atende, faz a prescrição, depois discute com o residente, com o assistente.

**ENTREVISTA**

Carreira – Medicina

**1**
**CONTO**

D. Benedita: Um retrato – Machado de Assis

**3**

**Qual é a diferença do 5º e do 6º ano, em relação aos anos anteriores?**

Até o 4º ano você tem contato com pacientes, mas primeiro tem a aula, depois a conversa com um ou dois doentes. Mas é só conversar mesmo. No 5º ano já é a prática. Você atende como se fosse o médico, depois discute com o assistente. No 5º e no 6º ano temos mais responsabilidade, temos nossos pacientes. A gente aprende a ser médico.

**De qual ano você gostou mais?**

Do 6º ano, porque é quando se consegue colocar todo o conhecimento em prática. E também no 5º e 6º ano a gente fica em painéis. Até o 4º ano é a turma toda. No 5º e no 6º ano a turma se divide, por afinidade, em painéis. Cada painel tem de 12 a 14 pessoas em dois anos de convívio intenso, fazendo plantão junto, tomando café junto.

**Você se lembra do seu primeiro paciente?**

O primeiro foi em um atendimento da UBS. Lembro que foi uma visita domiciliar, um paciente novo, 20 e poucos anos, tinha tido um primeiro surto psicótico. Junto com isso veio também o diagnóstico de HIV. Uma lesão cerebral pelo HIV estava causando o surto.

**Você chegou a fazer algum trabalho de iniciação científica no curso?**

Fiz três trabalhos. No 1º ano comecei a fazer na Psiquiatria. No 3º e 4º ano resolvi fazer na Pediatria também. E no 6º ano fiz um trabalho na Cirurgia.

**De quais outras atividades você participou na Pinheiros?**

Particpei da Extensão Médica Acadêmica/EMA, em que se faz atendimento voluntário no fim de semana. Particpei da bateria da Atlético nos dois primeiros anos e no 1º ano particpei da Costura, que é parte do show Medicina. Ficava fazendo fantasias para o teatro.

**Ao final do 6º ano quais eram suas opções?**

Uma das opções era prestar a prova de Residência e também a prova do Exército. Se eu passasse nas provas da Residência e do Exército, poderia ir para o Exército e trancar minha vaga para Residência. Era uma opção boa porque poderia trabalhar na clínica médica do Exército. Tem salário fixo e uma carga horária relativamente tranquila. Seria um ano em que eu poderia fazer outras coisas, descansar um pouco. Outra possibilidade era não passar na prova de Residência, não fazer Exército e ficar só trabalhando como clínica geral. Aí seria mais em pronto-socorro. E uma outra opção era passar na Residência e fazer Residência logo de cara, que foi o que eu fiz.

**Você chegou a prestar a prova do Exército?**

Prestei, mas desisti do exame físico.

**Você prestou prova de Residência onde?**

Só prestei no Hospital das Clínicas, em Cirurgia.

**O que atraiu você na Cirurgia?**

Sempre gostei. No 1º ano, como vinha com aquela dúvida do colegial, tive uma aula de Psiquiatria com uma professora de quem eu gostei muito e acabei fazendo iniciação científica com ela. Mas também logo no 1º ano já particpei da Liga do Trauma. As atividades eram no pronto-socorro, vendo acidentados, suturando. Eu sempre gostei disso. Também gostava de Psiquiatria. No 2º ano fui participar de uma liga de Puericultura. Puericultura é o acompanhamento natural da criança saudável, consultas de pediatria de rotina, o desenvolvimento saudável da criança. No ambulatório, acompanhava crianças de várias idades, desde bebezinho até 14 anos. Tinham gripe, otite, mas em geral eram crianças saudáveis. Acabei gostando de atender crianças. Mas aí já estava mais en-

volvida com Cirurgia. No 4º ano, indo para o 5º ano, pensava em fazer Cirurgia Pediátrica ou alguma Cirurgia em que eu pudesse ter contato com criança. Passei na Cirurgia Infantil, gostei bastante. Gostei muito também de Urologia Infantil. E no internato gostei muito de videolaparoscopia e de doenças oncológicas.

**Como é a videolaparoscopia?**

É aquela cirurgia que se faz só com um furinho na barriga. Em criança não se faz muito. Acabei gostando das cirurgias de adulto também. Decidi fazer Cirurgia Gastro mesmo, aparelho digestivo.

**Como é a prova para os candidatos à Residência em Cirurgia?**

Ela é em duas fases, iguais para todo mundo. A 1ª fase é só escrita e nela basicamente cai tudo. A 2ª fase é prática. São 10 estações – questões – no mesmo dia, de todas as especialidades, Pediatria, Ginecologia, Clínica Médica, Cirurgia. Você entra no consultório, é como atendimento mesmo. Tem um médico avaliando. As estações têm tempo determinado, 15 minutos cada. Vai rodando.

**Eram quantas vagas nessa Residência?**

48.

**Tem entrevista?**

Todo mundo que vai para a 2ª fase faz entrevista também.

**Quanto tempo dura a Residência em Cirurgia?**

São dois anos de Cirurgia Geral. Na verdade é muito difícil ter só dois anos e já estar preparado para operar. Eu penso em fazer Gastrocirurgia. São mais dois anos.

**Você está em que ano da Residência?**

Estou no 2º ano.

**Faz parte da Residência da Cirurgia atender no HC?**

Sim.

**Você atende sozinha?**

Ainda na Residência o atendimento é sempre supervisionado. A gente discute os casos mais complexos com os internos e com os demais, que são o R3 e o R4, residentes do 3º e do 4º ano, e com o assistente. Assistente é o médico mais velho.

**Na primeira vez que atendeu sozinha, você se considerava preparada?**

Sozinha como médica? Depois de formada, no primeiro plantão que dei eu comecei com remoção, o transporte de pacientes de um hospital para outro, para fazer algum exame ou alguma avaliação. E se acontecesse alguma coisa com o doente na ambulância e não soubesse o que fazer? Levei um monte de livros, de coisas, mas foi tranquilo. Logo depois dei um plantão em pronto-socorro de baixa complexidade. Ainda deu um nervoso e eu fui superpreparada. Até comprei um celular novo com aplicativos. Levei livros, fui com gente da minha turma, um pessoal mais velho também, e qualquer dúvida eu perguntava para eles. Acabou sendo tranquilo. Era muita queixa de gripe, diarreia. E depois fui para um hospital com um nível de complexidade um pouco maior. Sempre dá um frio na barriga fazer procedimentos sozinha, por exemplo, entubar a primeira vez sozinha. Já tinha feito, mas sempre com alguém mais experiente do lado.

**Como você se imagina daqui a alguns anos?**

Espero já ter feito pelo menos um mestrado e começado um doutorado.

**Você pretende seguir na carreira acadêmica?**

Quero dar aula. E também vou continuar estudando porque gosto de pesquisa. Desde o começo na faculdade eu me envolvi com

pesquisa. Já comecei a fazer pesquisa em cirurgia do aparelho digestivo e pretendo continuar. Também quero fazer algum curso numa universidade fora.

#### **Você tem local já definido?**

Gostei muito de Boston, tem cursos muito bons. E tem o Memorial de Nova York, que é um hospital excelente. Mas não sei ainda, não há nada concreto. Estou aberta às possibilidades.

#### **Que dicas você dá a quem vai prestar Medicina este ano?**

Nunca é tarde para você dar aquele gás final e se dedicar, porque vale a pena. Mas também acho que não é para deixar de fazer o que lhe dá mais prazer, tocar um instrumento, ir ao cinema, sair com os amigos. Acho que isso ajuda a manter a sanidade mental. Mas não é o final do mundo se não conseguir passar.

#### **O que você pode dizer a quem ainda está na dúvida sobre a carreira – era o seu caso – para ajudar na decisão?**

A pessoa tem que ver qual carreira se encaixa melhor para o que ela quer na vida. Um exercício importante é: como eu quero estar daqui

a 10, 15 anos. No caso de Medicina, é uma carreira que permite muitas opções. É difícil a pessoa entrar e acabar não se encontrando. A taxa de desistência na Medicina é muito baixa.

#### **Em sua época no colégio teve alguma matéria que você deixava em segundo plano, mas no dia a dia se mostrou importante?**

Eu gostava de tudo aqui. Não teve uma matéria que eu não achasse importante.

#### **Hoje, aqui no Etapa, o que lhe vem de recordação?**

Muitas coisas, mas o principal é que eu penso que gostaria de estar fazendo colegial agora aqui no Etapa. Se eu pudesse faria tudo de novo e mais ainda.

#### **Você quer dizer mais alguma coisa para nossos alunos?**

Quero dizer para eles aproveitarem a época do colégio, que é muito boa. Nunca vai ser igual de novo.

## CONTO

# D. Benedita

## Um retrato

### Machado de Assis

#### Capítulo I

C oisa mais árdua do mundo, depois do ofício de governar, seria dizer a idade exata de D. Benedita. Uns davam-lhe quarenta anos, outros quarenta e cinco, alguns trinta e seis. Um corretor de fundos descia aos vinte e nove; mas esta opinião, eivada de intenções ocultas, carecia daquele cunho de sinceridade que todos gostamos de achar nos conceitos humanos. Nem eu a cito, senão para dizer, desde logo, que D. Benedita foi sempre um padrão de bons costumes. A astúcia do corretor não fez mais do que indigná-la, embora momentaneamente; digo momentaneamente. Quanto às outras conjecturas, oscilando entre os trinta e seis e os quarenta e cinco, não desdiziam das feições de D. Benedita, que eram maduramente graves e juvenilmente graciosas. Mas, se alguma coisa admira é que houvesse suposições neste negócio, quando bastava interrogá-la para saber a verdade verdadeira.

D. Benedita fez quarenta e dois anos no domingo, dezanove de setembro de 1869. São seis horas da tarde; a mesa da família está ladeada de parentes e amigos, em número de vinte ou vinte e cinco pessoas. Muitas dessas estiveram no jantar de 1868, no de 1867 e no de 1866, e ouviram sempre aludir francamente à idade da dona da casa. Além disso, veem-se ali, à mesa, uma moça e um rapaz, seus filhos; este é, decerto, no tamanho e nas maneiras, um tanto menino; mas a moça, Eulália, contando dezoito anos, parece ter vinte e um, tal é a severidade dos modos e das feições.

A alegria dos convivas, a excelência do jantar, certas negociações matrimoniais incumbidas ao cônego Roxo, aqui presente, e das quais se falará mais abaixo, as boas qualidades da dona da casa, tudo isso dá à festa um caráter íntimo e feliz. O cônego levanta-se para trinchar o peru. D. Benedita acatava esse uso nacional das casas modestas de confiar o peru a um dos convivas, em vez de o fazer retalhar fora da mesa por mãos servis, e o cônego era o pianista daquelas ocasiões

solenes. Ninguém conhecia melhor a anatomia do animal, nem sabia operar com mais presteza. Talvez, – e este fenômeno fica para os entendidos, – talvez a circunstância do canonicato aumentasse ao trinchante, no espírito dos convivas, uma certa soma de prestígio, que ele não teria, por exemplo, se fosse um simples estudante de matemáticas, ou um amanuense de secretaria. Mas, por outro lado, um estudante ou um amanuense, sem a lição do longo uso, poderia dispor da arte consumada do cônego? É outra questão importante.

Venhamos, porém, aos demais convivas, que estão parados, conversando; reina o burburinho próprio dos estômagos meio regalados, o riso da natureza que caminha para a repleção; é um instante de repouso.

D. Benedita fala, como as suas visitas, mas não fala para todas, senão para uma, que está sentada ao pé dela. Essa é uma senhora gorda, simpática, muito risonha, mãe de um bacharel de vinte e dois anos, o Leandrino, que está sentado defronte delas. D. Benedita não se contenta de falar à senhora gorda, tem uma das mãos desta entre as suas; e não se contenta de lhe ter presa a mão, fita-lhe uns olhos namorados, vivamente namorados. Não os fita, note-se bem, de um modo persistente e longo, mas inquieto, miúdo, repetido, instantâneo. Em todo caso, há muita ternura naquele gesto; e, dado que não a houvesse, não se perderia nada, porque D. Benedita repete com a boca a D. Maria dos Anjos tudo o que com os olhos lhe tem dito: – que está encantada, que considera uma fortuna conhecê-la, que é muito simpática, muito digna, que traz o coração nos olhos, etc., etc., etc. Uma de suas amigas diz-lhe, rindo, que está com ciúmes.

– Que arrevente! responde ela, rindo também.

E voltando-se para a outra:

– Não acha? ninguém deve meter-se com a nossa vida.

E aí tornavam as finezas, os encarecimentos, os risos, as ofertas, mais isto, mais aquilo, – um projeto de passeio, outro de teatro, e